

VC-Repórter: a colaboração a serviço da notícia¹

Adriana Santiago Araújo²

Juliana Mara Lima Maia³

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

Resumo

O presente trabalho busca avaliar se o canal VC-Repórter, do Portal Verdes Mares, caracteriza-se, de fato, como um espaço onde o conteúdo é feito em colaboração entre repórter e público, e como esse conteúdo colaborativo é tratado pelos jornalistas. No nosso estudo, observamos que existe um esforço por parte da equipe do veículo em dar conta de toda a demanda, mas identificamos que algumas atitudes ainda permanecem apenas no planejamento, no âmbito do discurso. Para a verificação das hipóteses, propomo-nos a observar a rotina produtiva do veículo e foram examinados: acolhimento, checagem, publicação, repercussão e comentários.

Palavras-chave

Webjornalismo colaborativo; Interação mediada por computador; Jornalismo de portal; Comunidade de leitores.

Abstract

This study aims to assess whether the channel-VC Reporter, Portal Verdes Mares, characterized, in fact, as a space where the content is done in collaboration between reporter and audience, and how this collaborative content is treated by journalists. In our study, we observed that there is a team effort on the part of the vehicle to account for all the demand, but we found that some attitudes are still only in planning, in the speech. To verify the hypothesis, we propose to observe the routine production of the vehicle. Were examined: reception, checking, publishing, buzz and commentary.

Key words

Collaborative web journalism; Computer-mediated interaction; Journalism portal; Community of readers.

O jornalismo na era da produção colaborativa

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Jornalismo, Mídia livre e Arquiteturas da Informação”, do V Simpósio Nacional da ABCiber.

² Professora no Curso de Comunicação Social da Unifor, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea (UFBA) e jornalista, e-mail: adrisantiago@gmail.com.

³ Jornalista e pós-graduanda em Gestão Marketing pela Faculdade Nordeste\FANOR, e-mail: julianalima.m@gmail.com.

Através do desenvolvimento tecnológico, novas ferramentas foram inseridas no dia a dia do cidadão, e, hoje, com a internet e a telefonia móvel, a relação entre a sociedade e os veículos de comunicação foi revolucionada. Passamos de uma estrutura verticalizada, hierárquica, institucionalizada e fechada para a contribuição do público, para um modelo horizontal e aberto à participação. As novas tecnologias permitem, além da participação na produção dessas informações, uma propagação mais rápida desse conteúdo.

Para Gillmor (2005), a audiência não é mais somente mera consumidora de notícias, pois aprendeu como conseguir conteúdos melhores e mais oportunos e como levar esse conteúdo até os jornalistas. Castilho e Fialho (2009) defendem que tal processo colaborativo “não só está alterando os processos informativos da sociedade, como está gerando uma cultura digital que incorpora novas rotinas, crenças e valores” (CASTILHO e FIALHO, 2009, p. 121).

Essa nova prática jornalística, que optamos por conceituar para fins dessa pesquisa como webjornalismo colaborativo, caracteriza-se pela produção de conteúdo por qualquer usuário comum da rede, ou seja, uma prática jornalística que seria aberta a todos, jornalistas ou não. Quem antes era somente receptor, passa também a ser um agente produtor de conteúdo. Gillmor (2005), ao se referir às novas tecnologias, fala em democratização da mídia, pois propicia abertura maior e permite a contribuição efetiva de todos, assim definida como sendo uma conversação entre o público e os jornalistas, o que o autor define como sendo o jornalismo cívico. “O crescimento do jornalismo cívico nos ajudará a ouvir. A possibilidade de qualquer pessoa fazer notícia dará nova voz aos que se sentiam sem poder de fala” (GILLMOR, 2005). De acordo com Fonseca e Lindemann (2007), somente dessa forma, a interatividade será efetivamente valorizada, ao passo que, para as autoras, nos demais meios como o rádio, a TV e o jornal e até alguns sites, a interatividade, uma forte característica da rede, é utilizada de forma superficial.

O que se percebe, na prática, é que ainda está acontecendo uma adaptação do profissional às novas ferramentas e à nova lógica de fazer notícias, agora com os mecanismos de interatividade potencializando a ‘voz’ do usuário, é preciso dividir poder, é sair da cômoda posição de “gatekeeper” (WHITE, 1950) e assumir definitivamente a condição de “gatewatcher” (BRUNS, 2007). Ou seja, de porteiro a bibliotecário, de dizer o que é ou não é notícia para ser um selecionador de algumas notícias entre tantas na globosfera.

Estamos cientes de que inúmeras transformações ocorreram para que o webjornalismo colaborativo se desenvolvesse, mas entendemos que seria ampliar demais o debate para levantar tais condições. E para demarcar algumas delas, concordamos com Primo e Träsel (2006) quando citam o maior acesso à internet e interfaces simplificadas para publicação e cooperação online, popularização e miniaturização de câmeras digitais e celulares, filosofia *hacker* como espírito de época, insatisfação com veículos jornalísticos e a herança da imprensa alternativa como os principais fatores para tal.

Para os autores, quando levamos em consideração as formas possíveis de interação com o público do rádio, da TV ou do jornal certificamo-nos de que as tecnologias digitais encurtaram o caminho entre o meio e o receptor:

Qualquer noticiário inclui, sempre, em alguma medida, a participação de seu público. Antes do e-mail, essa participação já ocorria através de cartas e ligações, por exemplo, na forma de sugestões de pauta ou mesmo para alguma seção do tipo “cartas do leitor”. Porém, a filtragem daquelas cartas, o pequeno espaço disponível para sua publicação e a necessidade de utilização de outro meio para envio (não se pode responder através da televisão) acabam por desestimular uma maior participação (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p.3).

Entendendo a transformação no conceito de comunidade

Para Castilho e Fialho (2009), ao se falar em webjornalismo colaborativo, não estamos mais somente trazendo para a discussão a geração de conteúdo por parte da audiência, mas indo além, ao passo que o termo como novidade colocando à parte a antiga tradição de colaboração do leitor, que, atualmente, em ambiente digital, assume uma função ainda mais importante que produzir conteúdo:

A produção colaborativa em ambiente comunitário permite captar o conhecimento que as pessoas adquiriram por experiências vividas, e usam de forma individual, em um conhecimento que pode ser publicado em forma escrita, oral ou por imagens. Esse processamento de conhecimentos é essencial para a evolução cultural, econômica e social da humanidade, porque permite a incorporação de dados, fatos, notícias e processos que até agora estavam fora do circuito normal da informação, e que são essenciais na produção de inovações tecnológicas, hoje, o motor do progresso humano (CASTILHO e FIALHO, 2009, p. 120).

Ainda segundo os autores, se a mesma internet que criou a avalanche informativa que presenciamos nesse momento não tivesse também potencializado o processo de produção colaborativa, existente desde a descoberta da imprensa, há 500 anos, grande parte das informações acabariam sendo perdidas, pois não haveria condições de serem processadas somente pelos sistemas informativos convencionais, tendo em vista a rotina da produção.

Sendo assim, é importante frisar que o processo colaborativo não é uma novidade, ele acompanha a comunicação desde sempre. Hoje, amparada pela tecnologia, essa colaboração foi ampliada e tem transformado profundamente o processo de produção de conteúdo jornalístico.

Castilho e Fialho (2009) observam que o termo comunidade sofreu algumas rupturas, principalmente se levarmos em consideração o modelo convencional de comunidade, que tem como principais características o sentimento de pertencimento, territorialidade, permanência, além da relação entre os membros, senso de organização, emergência de um projeto em comum, e que beneficie o todo, assim como o uso de vários canais de comunicação e tendência à institucionalização.

Por sua vez, nas comunidades virtuais, segundo Castilho e Fialho (2009), os interesses definem a adesão, que muitas vezes é instável, o senso de territorialidade é praticamente nulo, o projeto em comum é desvinculado de pertencimento, a comunicação é basicamente virtual, mas pode incluir sistemas presenciais e existe uma baixa tendência à institucionalização. Mas, segundo Habermas (2007) e Benkler (2006) *apud* Castilho e Fialho (2009), tais comunidades virtuais são parte integrante da esfera pública e são elas que tornam capaz que se formem as redes entre os que se interconectam por meio da plataforma física da internet (CASTELLS 2003). Concordamos ainda com os autores quando definem comunidade virtual como sendo um agrupamento de indivíduos com interesses, vivências ou problemas em comum, conectados através de um meio basicamente não presencial, e que usam algum tipo de ferramenta midiática para alcançar a meta coletiva.

O Portal Verdes Mares

A escolha do Portal Verdes Mares se baseou no fato de ser um veículo sediado em Fortaleza, cidade onde os pesquisadores residem, com linha editorial voltada principalmente para acontecimentos locais, o que permite familiaridade com o objeto, como também facilita a imersão na rotina produtiva e, conseqüentemente no desenvolvimento da análise.

O Portal Verdes Mares, portal de notícias do Sistema Verdes Mares de Comunicação (SVM), completa 10 anos em 2011, e passa por um processo de mudanças estruturais e editoriais. Ívila Bessa, editora de mídias digitais do SVM, explica que o Portal Verdes Mares está voltado para a produção e reprodução de conteúdo local, como também interessado em estabelecer contato com o seu público, e fortalecer a atuação nas mídias sociais, além de

augmentar e melhorar o diálogo com os usuários através dos comentários. Atualmente a equipe se empenha em incentivar o uso da ferramenta VC-Repórter, canal com foco em jornalismo colaborativo e cidadão.

A mudança estrutural ocorrida no Portal permitiu que todos os veículos do Sistema Verdes Mares na web (Diário do Nordeste, TV Verdes Mares, TV Diário, Rádio Verdes Mares, FM 93 e Recife FM) passassem a dispor, cada um, de uma equipe com editor e repórter, o que confere mais autonomia a cada um deles, ao mesmo tempo em que proporciona condições para que haja produção de conteúdo próprio, além do que é disponibilizado pelo veículo oficial. Sobre as mudanças ocorridas, Ívila Bessa observa que, apesar de serem veículos distintos, ainda há a possibilidade de aproveitar cada um a página do outro para convergirem pautas e dar visibilidade maior e agregar valor às informações.

O VC-Repórter

Idealizado e implantado há pouco menos de dois anos⁴, o VC-Repórter quer ser um canal que centraliza e organiza todas as publicações oriundas da colaboração e sugestão do usuário. Ívila Bessa ressalta que as pautas acerca da realidade social da rua, do bairro e da cidade são o foco deste canal de jornalismo colaborativo, pois é uma oportunidade para ouvir e manter o público mais próximo, sem deixar de lado o Jornalismo formal com suas normas de apuração.

A editora de mídias digitais informou que a implantação do canal foi uma decisão estratégica ao visar associação de valores positivos à marca, ao mesmo tempo em que se passou a cobrir com maior extensão os problemas localizados no Estado, tornando-se um veículo referência no recebimento de furos⁵, flagrantes e sugestões. Em tempo: o grande desafio do canal é dialogar com os leitores do Portal Verdes Mares, para que, assim, eles se sintam instigados a dar suas contribuições, como também estender o projeto às mídias sociais.

⁴ Ívila Bessa não se recorda da data exata, mas garante que foi a primeira ação assim que assumiu a editoria do Portal Verdes Mares, em julho de 2009.

⁵ Em Jornalismo, furo é o jargão para a informação publicada em um veículo antes de todos os demais. O furo é dado quando uma equipe de repórteres e editores consegue apurar uma notícia, um fato ou um dado qualquer e publica esta informação sem que os veículos concorrentes tenham acesso a ela. ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Furo_\(jornalismo\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Furo_(jornalismo))), acessado em 31 de maio de 2011.

Delimitando os processos metodológicos

Como este é resultado de um projeto monográfico, além da pesquisa exploratória da bibliografia sobre o tema para construir um marco teórico, utilizamos de observação participante (PERUZZO, 2005), entrevista em profundidade (DUARTE, 2005) com a editora de mídias sociais Ívila Bessa, e ainda montamos uma grelha de observação apoiada nos critérios propostos por Brambilla (2007). A partir destes critérios, avaliamos frequência das contribuições; estímulo para a participação; assuntos recorrentes; quantidade de e-mails recebidos; quantidade de matérias publicadas.

Para tal, definimos cinco modelos de grelha, cada uma referente a uma fase da rotina a ser observada: acolhimento, checagem, publicação, repercussão e comentários.

Na grelha de acolhimento, as perguntas a serem respondidas eram: O conteúdo era recebido por jornalista ou estagiário? O tema do conteúdo enviado era de caráter público ou privado? Opinativo ou informativo? Local, regional ou nacional? Continha conteúdo multimídia? O envio se dava espontaneamente ou era estimulado? Tratava-se de pautas novas ou eram na sua maioria desdobramentos de conteúdos anteriores?

Na grelha de checagem, nosso intuito era verificar se, após o acolhimento, o jornalista checava ou não o conteúdo e como ele realizava esse procedimento. Primeiro foi observado se ele entrava em contato com a fonte da informação e, em caso positivo, se entrava em contato com outras partes envolvidas.

Na grelha de publicação, como não estávamos considerando o volume total recebido, procurou-se responder outras questões: Tratava-se de uma pauta estimulada ou não? Continha conteúdo multimídia? Pauta nova ou desdobramento? Se fosse um desdobramento, de que conteúdo especificamente? Ela tratava-se de uma informação checada ou não? Foi editada ou não? Possuía características interativas? Como também observávamos o local onde ela estava a ser publicada.

Na grelha de repercussão, a observação procurava dar conta primeiramente do tema da notícia. O passo seguinte foi verificar: Se a notícia repercutiu em redes sociais? Quais redes? Se foi destacada nos demais portais do grupo (convergência de conteúdo)? Qual portal?

E na grelha de comentários, procurava-se saber se eles eram moderados ou não? Como procediam ao excluir os comentários? Havia retorno para o usuário por parte do jornalista/estagiário? E, principalmente, se urgiam novas pautas?

Por fim, estabelecemos o horário da tarde como o padrão, com o intuito de não haver variações nos resultados. O tempo estimado para a pesquisa era de cinco dias, mas um problema técnico deixou o portal fora do ar por 24 horas.

O período de observação

Nos quatro dias de observação da rotina produtiva do *VC-Repórter*, na redação do *Portal Verdes Mares*, tivemos acesso a todos os e-mails recebidos pelo serviço colaborativo durante o dia. No total, contabilizamos a chegada de dezenove e-mails, sendo oito deles referentes a dois temas especificamente, três destes enviados pela mesma pessoa, informando um acidente de trânsito que derrubou um poste e invadiu um estabelecimento comercial; e os outros cinco, cada um de um remetente, sugerindo uma pauta que discutisse o episódio de racismo que aconteceu no Twitter, logo após um jogo de futebol entre Flamengo e Ceará.

Os demais e-mails tratavam de temas como: irregularidades e acidentes de trânsito, bueiros transbordando água suja, esgotos jogados diretamente no mar, pessoas desaparecidas, focos de dengue, entulhos nas calçadas etc.

O período analisado foi de rotina normal do canal, já que não estava havendo nenhum estímulo para que houvesse contribuições para temas específicos, como também não acompanhamos contribuições com variante climáticas ou hegemônicas, que costumam tornar o volume de e-mails maior. Assim, analisando uma rotina sem situações atípicas, podemos constatar que a média de colaborações recebidas por eles fica em torno de cinco a seis envios diários, podendo chegar até a oito.

No período observado, apenas dois, destes dezenove e-mails recebidos, foram publicados. Um no período da manhã, quando não acompanhamos o processo de checagem, publicação e repercussão da informação, mas ficamos cientes de que a colaboração trazia fotos e tratava-se de um acidente de trânsito. Já a outra colaboração foi publicada no período em que estávamos na redação realizando a observação e trazia uma denúncia de irregularidades no trânsito, continha, também, características multimídia, dessa vez um vídeo. A informação não foi checada pelo jornalista e a descrição do fato, também enviada pelo colaborador no e-mail, foi apenas adaptada para a linguagem de internet. Essa notícia,

especificamente, não repercutiu nas redes sociais, mas habitualmente o conteúdo colaborativo é também postado nos perfis do Portal Verdes Mares. Essas notícias receberam destaque na *homepage* do portal.

Observou-se que todas as publicações são creditadas com o nome de quem a enviou, como também recebem o selo do canal, sinalizando que aquele conteúdo é produzido em colaboração entre veículo e público. Observamos, ainda, que, no momento em que a notícia é publicada, o remetente da informação recebe um e-mail no qual é informado que a sua contribuição foi utilizada, sendo o link da notícia encaminhado pela equipe. Ívila Bessa destaca esse contato como primordial, pois, algumas vezes, o material enviado não vira notícia.

O papel do jornalista do VC-Repórter é checar toda e qualquer informação antes de ser publicada, mas na rotina produtiva do jornalista na web, Ívila Bessa é uma das que reconhece que a atividade de acompanhar o acolhimento dessas colaborações ainda é uma tarefa que chega para somar a outras tantas atividades dos jornalistas. O que pôde ser observado é que muitas vezes algumas contribuições chegam a ser descartadas por falta de tempo e possibilidade de checagem, como é o caso especificamente de vídeos e fotos. Uma das repórteres que trabalha no Portal relatou que é necessário cuidado e atenção antes de publicar, pois o material pode ser antigo; ou falso.

Referente aos e-mails, citando o caso de preconceito no Twitter, é válido destacar que, inicialmente foi enviado para o VC-Repórter ainda na madrugada, logo após o acontecido na rede social, e trazia exatamente a descrição do fato, incluindo citações ditas pela estudante. Mas como não havia ninguém mais na redação, que mantém os horários e a rotina do impresso, o conteúdo não foi utilizado nessa ocasião.

Na manhã seguinte, após a notícia ter sido publicada e repercutida em um dos blogs hospedados no portal do Diário do Nordeste, um dos veículos pertencentes ao Sistema Verdes Mares, a notícia recebeu destaque na *homepage* Portal Verdes Mares e tornou-se um dos conteúdos mais acessados durante todo o dia. Nos desdobramentos do caso, chegou-se a gerar novas informações que foram publicadas na manchete do portal no fim do dia. Ainda

com a repercussão nas redes sociais, foi comentada 643 vezes na página do blog, e replicada⁶ pelos usuários do Twitter 235 vezes.

É preciso pontuar que, no caso específico do Portal Verdes Mares, o conteúdo chegou primeiro para o canal VC-Repórter e poderia ter sido publicado como tal caso tivesse o jornalista na redação no momento. Ou seja, houve a sugestão de pauta através de um canal de colaboração, sobre uma informação que mais tarde ganhou destaque no País inteiro.

Considerações finais

Este é um trabalho com observações imprecisas, porque estamos estudando um objeto em processo e podemos apontar apenas algumas observações para o estudo das rotinas produtivas diante de um novo desafio, que é a ampliação da colaboração do leitor e a possibilidade de ser uma fonte eficiente e freqüente de pautas.

Ainda questionamos os termos adotados como jornalismo cidadão ou jornalismo colaborativo, uma vez que desde o princípio do jornalismo, o leitor colaborou e criticou os jornais impressos, ou ouvinte de rádio dava sua opinião ou fazia sua programação musical. É a nossa noção de comunidade e nem sempre é jornalismo. O que defendemos é que existe uma colaboração eficiente e efetiva do usuário no novo jornalismo e é preciso saber como esta colaboração está sendo tratada. Utilizamos a análise do Vc-Repórter e descobrimos que a ferramenta é ainda pouco utilizada. Quando a utilizam, perdem prazos, desprezam a pauta por não checar ou ainda a publicam sem checagem por conta do acúmulo de trabalho.

Assim, as conclusões preliminares nos fazem constatar que apenas os jornalistas do Vc-Repórter têm acesso ao material enviado. E, além de publicar e repercutir, eles devem enviar relatório para o remetente, alertando da utilização do material, como também para a equipe do Portal, evitando assim gasto de tempo com a manipulação de um material que já foi publicado ou descartado.

⁶ O retweet é uma função do Twitter que consiste em replicar uma determinada mensagem de um usuário para a lista de seguidores, dando crédito a seu autor original. Na página de início do site existe um botão chamado retweetar, que faz o envio automático da mensagem para todos seguidores da pessoa. Antigamente, os usuários realizavam isto de forma manual, acrescentando um RT ao lado da @ de quem escreveu. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>, acessado em 22 de maio de 2011).

A moderação de comentários, por sua vez, é realizada por toda a equipe, inclusive os estagiários. Os comentários que chegam com dúvidas são respondidos quando possível, mas a pesquisa não conseguiu detectar a constância com que os comentários geram novas pautas.

Também foi observado durante o período em que estivemos na redação do veículo, que a orientação recebida pelos repórteres é checar informações com potencial noticioso antes de ser publicada, mas constatamos que existe a publicação sem checagem, como também o descarte de conteúdo com potencial noticioso por falta de tempo para checar a informação. Um movimento contraditório, que fica reduzido à avaliação do profissional responsável, ou ao fator tempo, que é um dos problemas maiores para a boa apuração jornalística.

Outra observação que vale ser colocada é que notícias colaborativas são sempre publicadas em destaque, pois na sua maioria são denúncias de infraestrutura, o que, para o veículo, tem grande valor-notícia. O conteúdo colaborativo também é repercutido nas redes sociais do veículo, no Twitter chegamos a identificar o uso da hashtag #Vc-Reporter.

No período observado, o colaborador participou sempre que se sentiu incomodado com alguma situação do universo dele, um buraco, o trânsito, a chuva. Com a observação, entendemos que a colaboração jornalística ainda se trata de uma experiência que está se adaptando à rotina do novo leitor de notícias on-line e que divide espaço com a rotina dos veículos tradicionais. No caso específico do Portal Verdes Mares, observamos que existe um esforço visível por parte da equipe do veículo em dar conta de toda a demanda que chega até eles, mas identificamos que algumas atitudes ainda permanecem apenas no planejamento, no âmbito do discurso.

Este é um estudo com potencial para ainda se desenvolver adiante, pois obtivemos resultados que nos estimularam a prosseguir, pois além do tratamento que é dado ao conteúdo colaborativo, podemos dar ênfase no modo como esses veículos que estão apostando nesses formatos esperam desenvolver esses projetos. Esperam adaptar sua rotina produtiva? Que posição de fato o colaborador deve assumir? E o profissional? E como será tratado futuramente o problema dos direitos autorais? Quais competências necessárias para o novo profissional enfrentar isso? São alguns dos nossos questionamentos futuros.

Por fim, o que se vislumbra é um caminho longo a ser percorrido, que passa por uma mudança de comportamento dos jornalistas e uma mudança de lógica de negócio dos seus

superiores. É preciso investir em pessoal, turnos frequentes e incentivo à criação de comunidades de leitores, que prezem pela fidelidade e se sintam parte deste veículo de comunicação. Uma simbiose de reconhecimento entre leitor e suporte, que possam sustentá-lo diante desta superabundância de informações que é a web hoje.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Suzana. "Jornalismo de Portal: novo formato e categoria para o jornalismo digital". In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003. (Coleção Pixel: 1) 233 p: il.

BRAMBILLA, Ana Maria. **Conteúdo Colaborativo Conceitos, iniciativas e tendências**. 2007. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/ambrambilla/keynote-jornalismo-colaborativo>>. Acesso em: 12 de mai. 2011.

BRUNS, Axel. **Gatewatching: Collaborative Online News Production**. New York: Peter Lang, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet** - reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CASTELLS, Manuel. Internet e Sociedade em Rede. In: MORAES, D. (Org.) **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 255 – 287.

CASTILHO, Carlos; FIALHO, Francisco. "O jornalismo ingressa na era da produção colaborativa de notícias". In: RODRIGUES, Carla (org) **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

DUARTE, Jorge. "Entrevista em profundidade". In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FONSECA, Virginia; LINDEMAN, Cristiane. Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e teóricas. In: **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. Faculdade de Comunicação Social, PUCRS. n. 34. Porto Alegre: EDIPUCRS, dez. 2007. p. 86-94.

GILLMOR, Dan. **Nós, os Media**. Trad. Saul Barata. Lisboa: Presença, 2005.

PERUZZO, Cecília. "Obsevação participante". In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

PRIMO, Alex ; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.